

O Brasil tem um produto global da ordem de 350 bilhões de dólares. Com a economia informal, o PIB sobe a 450 bilhões de dólares. O mercado financeiro gira diariamente no *overnight* (entre compras e vendas de títulos públicos e privados de renda fixa) aproximadamente 70 bilhões de dólares. O mercado paralelo do dólar movimenta por dia modestos 20 milhões de dólares. Pode o rabo abanar o cachorro?

Para perplexidade do cidadão brasileiro, o rabo está abanando o cachorro. As maquinações e especulações que têm sido engendradas nos segmentos marginais do mercado financeiro (quem sabe para se beneficiar do quadro eleitoral?) assustam o investidor do *overnight* e o poupador comum, que — no temor de que a hiperinflação esteja batendo à porta — se agarram à proteção do dólar, considerada segura nas crises. Estão sendo iludidos: depois do ágio recorde de 200% do paralelo em maio, o paralelo, com toda a alta de setembro e desta semana, só valorizou 149%, e teve uma perda real de 20% frente ao rendimento líquido de 213,50 do *over*, que continua com juro real positivo.

A economia real e o dia-a-dia do país não dão, absolutamente, indicações de que seja fatal a hiperinflação. A produção industrial e a agrícola estão crescendo; o emprego aumenta e o desemprego cai; as vendas do comércio vão bem, sem qualquer explosão de consumo que reforce a situação de pânico que vem sendo espalhada pelos especuladores. É certo que os preços subiram muito e estão sendo reajustados em níveis bastante elevados. Tudo reflexo primário da correção monetária, que protege dos efeitos da inflação passada, mas faz com que os meses comecem com o patamar inflacionário mínimo do mês anterior.

Como prova, o BTN Fiscal, indicador diário que sinaliza a expectativa oficial de inflação, começou outubro com os 35,95% do índice de preços ao consumidor (IPC) do mês anterior, cuja coleta iniciada em 16 de agosto se encerrou em 15 de setembro. Conhecidos os primeiros resultados do índice nacional de preços ao consumidor, apurado pelo IBGE entre primeiro e 30 de setem-

bro, o BTN Fiscal teve ontem seu primeiro reajuste, apontando para uma inflação de 36,43% para outubro.

É sinal de que a inflação passará dos 40% este mês como alardeiam os pregoeiros da catástrofe? Não, muito ao contrário. O comportamento do INPC indica que a inflação ao longo de setembro se acelerou menos em relação ao IPC do que no mês de agosto. Admitindo que o INPC chegue à faixa de 37%, terá havido aumento de 1% a 1,5% no ritmo da inflação, contra quase 4% dos 29,34% do IPC para os 33,18% do INPC de agosto.

O aumento dos combustíveis na noite de 15 de setembro e os reajustes das tarifas de telefone e energia elétrica — autorizados antes que o governo decidisse moderar o ritmo da recomposição dos preços e tarifas públicas para conter as pressões de custo e esfriar as expectativas inflacionárias — podem fazer subir a inflação medida pelo IPC (até o próximo dia 15). O mercado futuro de BTN estima a taxa deste mês em 39,98%. Mas não há motivos para se esperar a disparada dos índices, ou o alcance próximo do número mágico de 50%, historicamente considerado a fronteira entre uma alta inflação e a hiperinflação.

A hiperinflação é perfeitamente evitável. Basta o senso de responsabilidade de cada um. Qual o motivo para uma consulta médica aumentar 125% do dia 3 de agosto para o dia 3 de outubro, embutindo dois aumentos de 50%? Os custos subiram nessa proporção (a inflação no período foi de 76%), ou trata-se da remarcação irresponsável de preços?

Esse comportamento, da forma mais perversa, marca a especulação no mercado do dólar paralelo, ou no mercado do ouro. No ouro, que movimenta diariamente 100 milhões de dólares entre diversas compras e vendas, ainda há uma produção mineral que serve de base à multiplicação dos negócios. Por sua própria definição, o paralelo é um mercado marginal, sem qualquer ligação com a economia real. Os especuladores que nele semeiam a crise deveriam ser caso de polícia.